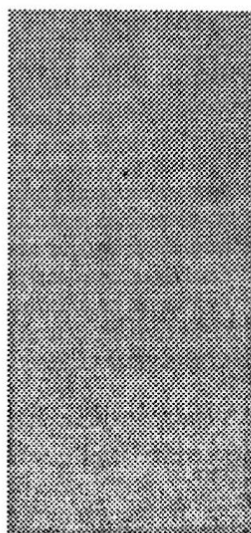


Maria Lucia de Amorim Soares ()*

***As diferentes linguagens
no Ensino da Geografia
e outros Ensinos***

(*) Professora de Teoria e Método em Geografia e Geografia Regional. Coordenadora do Curso de Geografia. Doutora em Geografia Humana pela USP.



RESUMO

O texto indica como ficar, hoje, alerta às cooptações e absorções pelos fluxos das redes, pelos imaginários artificiais, pela lógica do sistema mediático, pela estética da cultura e suas formas de irradiação, usando linguagens diferentes no Ensino da Geografia e outros Ensinos.

ABSTRACT

The text shows how to be alert nowadays to the co-options and absorptions by flowing networks, by the logic of mass media, by the aesthetics of culture and the ways it spreads around, using different techniques in teaching Geography and also other subjects.

“E que farão aqueles
que em várias horas
e por várias vezes
perderam a vez e a hora?...”

Ilka B. Laurito. *Mote para Matraga*

1. O impacto do desenvolvimento das técnicas e da tecnologia na cultura obriga-nos a rever conceitos, teorias, valores e práticas. Esse impacto reorganiza a vida coletiva e individual em bases diversas daquelas existentes anteriormente. Daí as erosões proliferarem na economia, na política, no social, na estrutura psíquica, na moral, na religião, nas ciências, na comunicação, na escola, no ensino da Geografia e em outros ensinoss...

2. O mundo atual tem uma estranha capacidade de rapidamente se fazer estranho. Tudo nele torna-se imediatamente sucata, devido à alta taxa de complexidade e fragmentação em todos os setores: a pós-modernidade é a cultura da velocidade e a vida cotidiana não funciona mais sem máquinas.

Nesse universo das máquinas e da velocidade muda a percepção de tempo e do espaço, bem como o próprio estatuto da vida individual. A compreensão do encolhimento do mundo, da colonização via redes, do surgimento de imaginários artificiais é da mais profunda importância para o professor de Geografia e outros professores.

As duas colocações acima carregam uma pergunta: como ficar, hoje, alerta às cooptações e absorções pelos fluxos das redes, pelos imaginários artificiais, pela lógica do sistema mediático, pela estética da cultura e suas formas de irradiação? Usando linguagens diferentes no ensino da Geografia e em outros ensinoss..

Aproximação Semântica

O radical *modern* vem do advérbio latino *modus*, que significa recente, há pouco. É preciso, então, sair do labirinto do não moderno, do moderno, do pós-moderno como, também, eliminar o uso impreciso de três palavras com o mesmo radical *modern-*, mas com acepções distintas. Modernismo conota processos artísticos e literários, arquitetônicos. Modernização traduz evolução tecnológica, substituições de técnicas ou de métodos obsoletos. Modernidade traduz uma

época histórica (começa com o advento dos europeus às Américas, em 1492), uma construção filosófica (Descartes, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Heidegger, Habermas e outros) e um paradigma cultural (não-moderno, moderno, pós-moderno).

Na impossibilidade de ser exaustiva ou detalhista, esta apresentação traça apenas grandes linhas de cada paradigma. Assim, no paradigma não-moderno há uma integração do todo sociocultural que tem na religião ou no mito sua fonte de inteligibilidade e de legitimação, movendo-se numa concepção estática da história, recorrente e cíclica (tribos indígenas, como maias e astecas, alguns países da África pós-independência, o Islã).

A cultura moderna é centrada sobre o indivíduo e a subjetividade. Há uma separação e autonomia dos diversos elementos do corpo sociocultural. Seus traços principais são a racionalidade, o antropocentrismo, o pluralismo, a diversificação das ciências, o positivismo, o diálogo, a autonomia da liberdade. A história não é mais uma imposição inexorável aos seres humanos, nem uma repetição cíclica. Pelo contrário: ela tem princípio e fim, caminha para a realização de ideais, move-se para utopias e delas se nutre. Nesta história, o ser humano é ativo e construtor.

Chama atenção na modernidade a distância que vai entre seus ideais e a concretização da vida moderna ao longo da história. Há, na modernidade, uma ambivalência que se foi revelando através de suas conquistas profundamente humanas e de suas perversões absurdas, cruéis e frustrantes. É por aí que se abre o flanco à crítica da modernidade: ou pela vertente contracultural da antimodernidade ou pelo viés da pós-modernidade.

O pós-moderno surge da percepção da crise da modernidade. Esta posição se fundamenta na constatação de que os grandes temas e os relatos modernos de emancipação foram, na verdade, invalidados no decurso dos últimos 50 anos (posição do homem diante da história, do trabalho, da produção, do inconsciente e da sexualidade - Hegel, Marx, Freud). Agora tudo aponta para a fuga da realidade, o desejo de escapar a um mundo duro que não se aceita e de cuja transformação não se tem esperança. A fuga se faz via moda, música, lazer, processos lúdicos, bebida, droga. É a morte do ideal e da utopia, esvaziamento de palavras como liberdade, justiça, solidariedade. Não há ilusão sobre os mitos do amor, da festa: tudo é indeterminado, descontínuo, efêmero, plural, variável, repleto de perspectivas.

O pós-moderno minimiza o sentido emancipador diante da história que o moderno dá ao homem, através do progresso, da salvação e da construção da própria história. Não é negado esse sentido, mas sua unicidade. Esta perda do sentido único foi desencadeada já na própria modernidade pela tecnologia, pela comunicação de massa e pela informação intensa e instantânea.

Nova Era, Novo Tempo, Nova Cultura

Segundo Régis Debray pode-se dividir a experiência humana ocidental em três etapas históricas:

a) *Idade Média*: da entrada dos povos germânicos, nórdicos e eslavos no centro-sul europeu e norte da África até o início das grandes navegações. É a “grande invasão dos bárbaros” num espaço humano.

b) *Idade Moderna*: da época dos grandes descobrimentos até a destruição de Hiroshima e Nagasaki por bombas atômicas. É a “grande invasão” que ocupa o espaço americano e faz contato/choque com o mundo africano e asiático.

c) *Idade Pós-Moderna*: do período pós-guerra (1945) para diante... “invasão do cosmos”, com o envio de aparelhos e pessoas para o conhecimento e exploração extraterrestre.

Debray indica a escrita (logosfera), a imprensa (grafosfera) e o audiovisual (videosfera) como elementos embaixadores de cada uma das Idades e trabalha conceitos, temas e valores correspondentes, clareando, entretanto, que traços de uma são carreados para outra.

Assim o Meio Estratégico ou Projeção de Potência migrou da Terra para o Mar, estando, hoje, no Espaço. A Classe Espiritual, detentora do sagrado social, que era a Igreja (sacrossanto: o Dogma) cedeu seu lugar para a Intelligentsia Laica (sacrossanto: o Conhecimento) e hoje para a Mídia (sacrossanto: a Informação). O Mito de Identificação deixou de ser o Santo para ser o Herói, para ser agora “Star”. A Referência Legítima com seu meio normal de influência - o Sermão chegou à Publicação, para estar sitiada hoje na Aparição. O Estatuto do Indivíduo que partiu do Sujeito (a comandar) para o Cidadão (a convencer) está revelado no Consumidor (a seduzir). A dicção da Autoridade Pessoal que residia em “Deus me disse” (verdade como palavra do Evangelho) migrou para “li no livro (verdade como palavra impressa) e, hoje glamorosamente, em “vi na TV” (verdade como imagem direta). A Alma e a Consciência foram desviadas para o Corpo.

Logo, Novo Tempo, Nova Era, Nova Cultura.

Desafios da Educação Pós-Moderna

O que pode significar a educação no estágio pós-moderno? Ela deverá ser eminentemente crítica, garantindo, assim, meios para resgatar a unidade entre história e sujeito, que foi perdida durante as operações de desconstrução da cultura e da educação, levadas a efeito pelo racionalismo moderno.

Com Moacir Gadotti, que reflete sobre a educação pós-moderna, pode-se pinçar algumas oposições entre a educação moderna e a educação pós-moderna

para, através delas, pensar a escola do futuro. Um quadro-resumo define melhor a questão, mas não a resolve, porque a educação vive um grande desafio. Mas, sabe bem o autor que a escola, embora tenha de ser local, enquanto ponto de partida, deva ser universal, enquanto ponto de chegada.

Educação Moderna (Clássica)	Educação Pós-Moderna
1. Acrítica	1. Crítica
2. Conteudista	2. Conteúdo significativo
3. Conceito Chave: igualdade	3. Conceito chave: Igualdade sem eliminar diferenças
4. Pressuposto básico: hegemonia	4. Pressuposto básico: autonomia
5. Uniformizadora	5. Multicultural
6. Trabalha com objetivos	6. Trabalha com finalidades

Conclusão

A figura “Wife or Mother-in-Law” (“Esposa ou Sogra”) foi apresentada por W. E. Hill no *American Journal of Psychology* (vol. 42, p. 144, 1930). É um célebre desenho que, dependendo de como seja captado, parece uma donzela primorosamente trajada, ideal da feminilidade jovem da América do início do século XX, ou uma mendiga velha e feia: o importante é que é simplesmente impossível ver simultaneamente o desenho como ambas. No entanto, esse aspecto, assinalado e deixado de lado em livros de arte, livros de cinema ou mesmo livros didáticos, não chega a esgotar os sentidos da figura; afinal, não é para qualquer truque visual que leva a ilusões de ótica que estamos olhando, mas, como informa Fred Pfeil, para um “trompe d’œil” cujo poder de surpreender, chocar e divertir está imbricado, ainda hoje, com um repertório de temas que construiu o sentimento de beleza/propriedade/valor e de feiura/degradação/horror de uma geração passada.

A questão central, então, de suma importância para situar a educação em termos do projeto pedagógico em si mesmo, como também de sua implementação concreta na atual relação educador-educando, é ter como referencial os três paradigmas culturais anteriormente referidos. Exatamente porque se trata de

paradigmas culturais, não existem como compartimentos estanques: educadores, escolas, educandos, famílias são portadores, representantes e convivem com eles em forma sincrética, de modo nem sempre consciente e responsável.

Surpreendidos pelo novo, e o novo não precisa de apresentação, ele sobrevém, vive-se um momento de crise que faz presente Walter Benjamin: os valores antigos já não resolvem os problemas existentes e os valores novos não estão ainda firmes e com resultados.

É um tempo de progresso em todos os campos. Ao simples toque do botão que liga a TV o mundo está em casa. As imagens comandam o espetáculo da vida: é o mundo dos signos, dos símbolos, dos logotipos, do marketing, do flash, do estranhamento, da mutação. Entretanto, por incrível que pareça, é a comunicação a longa distância que dificulta a apreensão da totalidade...

A escola está no meio de um turbilhão de fatos, acontecimentos, situações, processos sociais, políticos, econômicos, culturais, éticos, religiosos e outros mais. A escola é apenas um episódio de estrutura pesada e lerda ante o ritmo voraz da sociedade. O processo educativo como um todo e o conteúdo do ensino da Geografia (e outros ensinamentos) não está sendo atraente e significativo para os alunos que vivenciam as manifestações da cultura pós-moderna de forma intensa.

Ontem, o texto era escolar. Hoje, o texto é a própria sociedade. Ela tem forma urbanística, industrial, comercial, televisiva. A organização espacial de um supermercado e o nome dos produtos expostos nas brilhantes prateleiras permitem um verdadeiro sistema eleitoral. Assim, vote em LIZA TEIXEIRA (óleo/queijo) ou no TIO JOÃO (arroz) para ser sempre ATUAL, SEGURA E NATURAL (absorventes).

Ler é perguntar em um sistema imposto. Como já dizia Borges, uma leitura difere da outra menos pelo texto do que pela maneira como ela é lida. A história das marchas do homem através de seus próprios textos constitui-se numa linguagem diferente no ensino da Geografia e outros Ensinos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEBRAY, Régis. **Folha de S. Paulo**, 27 abr. 1991. Caderno Sábado.
2. GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.
3. PFEIL, Fred. Pegadores de painéis e subincisões: sobre o Homem de negócios, Fiskadoro e o paraíso pós-moderno. In : **O Mal-estar no pós-modernismo**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993.